

# BELADONA

**TOHO**

OSWALDO ANTÔNIO FERREIRA DA CUNHA

Curso de Psicologia — 2º ano

Quando Beladona nasceu, sua mãe já tinha noventa e oito filhos e teve que convocar uma reunião de família para solucionar um lugar para Beladona crescer e viver. O avô, homem sério e respeitado, com sua bagagem de duzentos e setenta e quatro anos de vida pelas costas, tomou a palavra e ninguém mais disse nada: — vamos colocá-lo no banheiro. E o rapazinho recém-nascido, pouco entendedor das coisas do mundo, foi transportado sob os olhares curiosos dos outros irmãos, para o aposento dos móveis de louça. E ali ficou, vários anos, sem conhecer o mundo lá de fora, recebendo seu alimento por debaixo da porta.

Várias foram as dôres de Beladona, já que quanto mais o tempo passava, seu corpo ia atingindo uma forma cada vez mais redonda e mais difícil de se ajeitar àquela sua pequena realidade. Beladona aprendera a arrastar a privada e conseguia assim ter lugar para colocar seus imensos pés à hora de dormir. Mas o tempo não parava e Beladona já era quase que do tamanho do banheiro todo. O bidê, a pia e a banheira não mais se equilibravam dentro do chuveiro. Beladona dava um passo para um lado e um para o outro, em noites de insônia, tentando solucionar seu problema. E ele já estava tão redondo que não mais se viam seus olhos ou qualquer outro

detalhe de seu corpo. Apenas uma massa pegajosa e gorda. Uma noite Beladona sonhou que comera todos os objetos do banheiro. E pôs o sonho em prática. Primeiro a pia. Depois o restante mais depressa ainda, que era para não dar tempo de arrepender-se. E cresceu ainda mais, sem conseguir raciocinar, pois seu cérebro já devia ter sido embotado pela gordura. E alargava-se à uma proporção de dois milímetros por minuto. Nessa noite as paredes do banheiro ruíram. Beladona passara por debaixo da porta, e seus familiares entraram em pânico de madrugada, ao verem aquela massa pegajosa devorando os móveis da casa. Chamaram oitenta viaturas do corpo de bombeiros, que quando chegaram, foi para também sucumbirem com o restante do quarteirão. Repórteres aglomeravam-se em cima das árvores, anotando, apavorados, aquêlê absurdo que ia contra tôda a história da cidadezinha antes tão pacata. Beladona ia inchando. Inflando. E em uma semana a metrópole havia sumido no mapa. Beladona ia consumindo riachos e vales, rios e mares, e o país já era uma catástrofe mundial. Arrasou em cinco segundos doze postos de gasolina e onze fábricas de coca-cola. E os Estados Unidos se viram obrigados a intervir na "guerra". E de nada adiantaram calorosos discursos da ONU, pois Beladona já tinha dentro de si todos os membros daquela respeitada entidade. E o resto do mundo interferiu, com inventos de última hora, computadores, foguetes, etc., etc. E Beladona em dois meses já havia exterminado com o planêta e girava, meio acinzentado, em tórno do sol, numa órbita que os físicos de outras galáxias, daqui a milhares de anos, irão estudar.